DIARIO DE PERNAMBUCO
VIDA URBANA
ESPECIAL
DIARIO DE PERNAMBUCO - RECIFE, TERÇA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 2002

Sérgio Alberto de Santana, *18 anos, negro, que abandonou a escola nas primeiras séries, foi assassinado com três tiros na cabeça, no bairro de Peixinhos, em Olinda*

POR QUE MORREM OS JOVENS?

O DIARIO fez esta pergunta a parentes de vítimas assassinadas durante a noite e na madrugada (no local dos crimes), a autoridades policiais e do Poder Judiciário, a pesquisadores sociais e a militantes de ONGs e representantes de conselhos de proteção às crianças e ao adolescentes. O questionamento foi feito também aos próprios jovens — os que cometeram atos infracionais e tiveram nas mãos o falso poder dado por uma arma, os que já viveram nas ruas e tentam se reintegrar à sociedade e os que lutam em busca da cidadania para não sucumbir à violência diária. As respostas foram compiladas neste caderno, que integra, especialmente, hoje, a edição de Vida Urbana. Desta forma, esperamos ajudar o leitor a compreender um pouco mais sobre o porquê dos jovens serem hoje os principais alvos da violência na Região Metropolitana do Recife.

TEXTOS
Júlio Pedrosa e Taíza Brito
FOTOS
Heitor Cunha

Jovens mortos

CONTINGENTE POPULACIONAL DE PERNAMBUCO E GRANDE RECIFE

7.911.937 é o número de habitantes em Pernambuco (Censo 2000), que tem área de 98.526,6 km2. Nos 15 municípios do Grande Recife vivem 42% desta população, o que revela concentração populacional na mesorregião de menor área (2,8%) da total do Estado. 52,22% da população do Estado estão no grupo de idade de 0 a 24 anos, sendo que destes 20,66% têm de 0 a 9 anos, 11,62% de 10 a 14 anos e 19,94% na faixa de 14 a 24 anos.

ESCOLARIDADE AINDA DEFICITÁRIA E MÁ DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

24,7% foi a taxa de analfabetismo verificada em Pernambuco no ano de 1999 (Censo 2000), enquanto a média brasileira ficou em 13,3%. 92,1% dos pernambucanos com 10 anos ou mais apresentaram em 1997 mais de 4,4 anos de estudo. 30,8% dos chefes de família têm menos de 1 ano de escolaridade. 28,8% destas famílias são chefiadas por mulheres. 855.666 chefes de família, equivalente a 40,5% do total ganhavam até um salário mínimo (PNAD,1999)

POBRES, NEGROS E SEM CIDADANIA

Por que tantos jovens são mortos diariamente no Grande Recife ? Tentando responder a esta indagação, surgiu a idéia de dar rosto às vítimas de assassinatos que se trasformam em números na incômoda estatística na qual Pernambuco e Recife aparecem entre os líderes no ranking da violência no País. Durante cinco noites, a editora de Vida Urbana Taíza Brito e o editor assistente de Fotografia Heitor Cunha foram às ruas dos municípios da RMR, numa ronda paralela à da polícia. A meta estabelecida foi a de tentar chegar ao local das ocorrências antes que os cadáveres das vítimas fossem recolhidos pelo Instituto de Medicina Legal (IML), que inicia o plantão noturno às 19h, seguindo até as 7h do dia seguinte. Procuramos fugir do relato frio dos boletins de ocorrência policial e falar da história destas pessoas — quase sempre negros, pobres, analfabetos ou semi-analfabetos e jovens —, que, na maioria das vezes, têm a vida bruscamente interrompida por um simples apertar de gatilho. Além do desafio de abrir ao leitor a perspectiva de um novo olhar sobre os corriqueiros assassinatos, tínhamos como tarefa encontrar a melhor forma de abordar parentes e vizinhos das vítimas, em momentos tão dolorosos. Afinal, dificilmente iriam compreender nosso interesse em apurar tantos detalhes. O trabalho começou na noite da segunda-feira, 29 de julho, e foi até a madrugada do sábado, 2 de agosto.

29/JULHO

- *Jovem de 21 anos morto a tiros em Rio Doce, Olinda Adolescente de 18 anos assassinado em Conceição II, Paulista*
- *Rapaz de 26 anos morre com 8 tiros à queima-roupa no Curado I, em Jaboatão*
- *Jardineiro de 30 anos assassinado por dois homens em Porto de Galinhas, Ipojuca*

Deixamos a Redação do DIARIO às 21h50, com destino à avenida Asa Branca, na 3ª etapa do bairro de Rio Doce, em Olinda, onde havia sido assassinado a tiros um jovem de 21 anos. Até aquela hora, além dessa ocorrência, a polícia já contabilizava mais quatro homicídios por arma de fogo nos municípios de Paulista (Conceição II, em Pau Amarelo), Jaboatão dos Guararapes (Curado I), Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca (Bela Vista). Resolvemos então, pela menor distância, seguir para a Zona Norte da RMR, indo para Rio Doce e depois Conceição II, bairros fronteiriços.

A expectativa era grande. Não foi fácil localizar o endereço. Depois de duas tentativas sem sucesso, passando por ruas desertas e às escuras, resolvemos parar na delegacia do bairro e perguntar onde ficava a avenida. O policial que veio nos atender saiu com duas armas em punho, apesar das grades do prédio estarem trancadas a cadeado. Quando chegamos à avenida onde havia ocorrido o crime, o corpo da vítima, assassinada por volta das 20h, já havia sido recolhido pelo IML. Na calçada, apenas as marcas de sangue.

Na vizinhança, portas e janelas fechadas. Apenas dois homens, do outro lado da calçada, permaneciam na rua. Chamamos um deles e perguntamos se era ali que havia ocorrido um homicídio. Embriagado, ele respondeu que o rapaz morto era filho de uma manicure que mora na comunidade e que havia sido assassinado por estar envolvido com drogas. "Além disso, ele vivia mexendo com a namorada dos outros", completou.

Já passavam das 23h30 e dificilmente alcançaríamos a equipe do IML que dali havia seguido para o Loteamento Conceição II, no bairro de Pau Amarelo, em Paulista. Através da polícia, descobrimos que a vítima seria um rapaz aparentando 18 anos, que fora assassinado com dois tiros na cabeça, por volta das 18h30. A ansiedade aumentava, principalmente pela frustração de ainda não termos conseguido nos aproximar do universo das vítimas que rastreávamos na madrugada. Seguimos de lá para o bairro Curado I, em Jaboatão dos Guararapess.

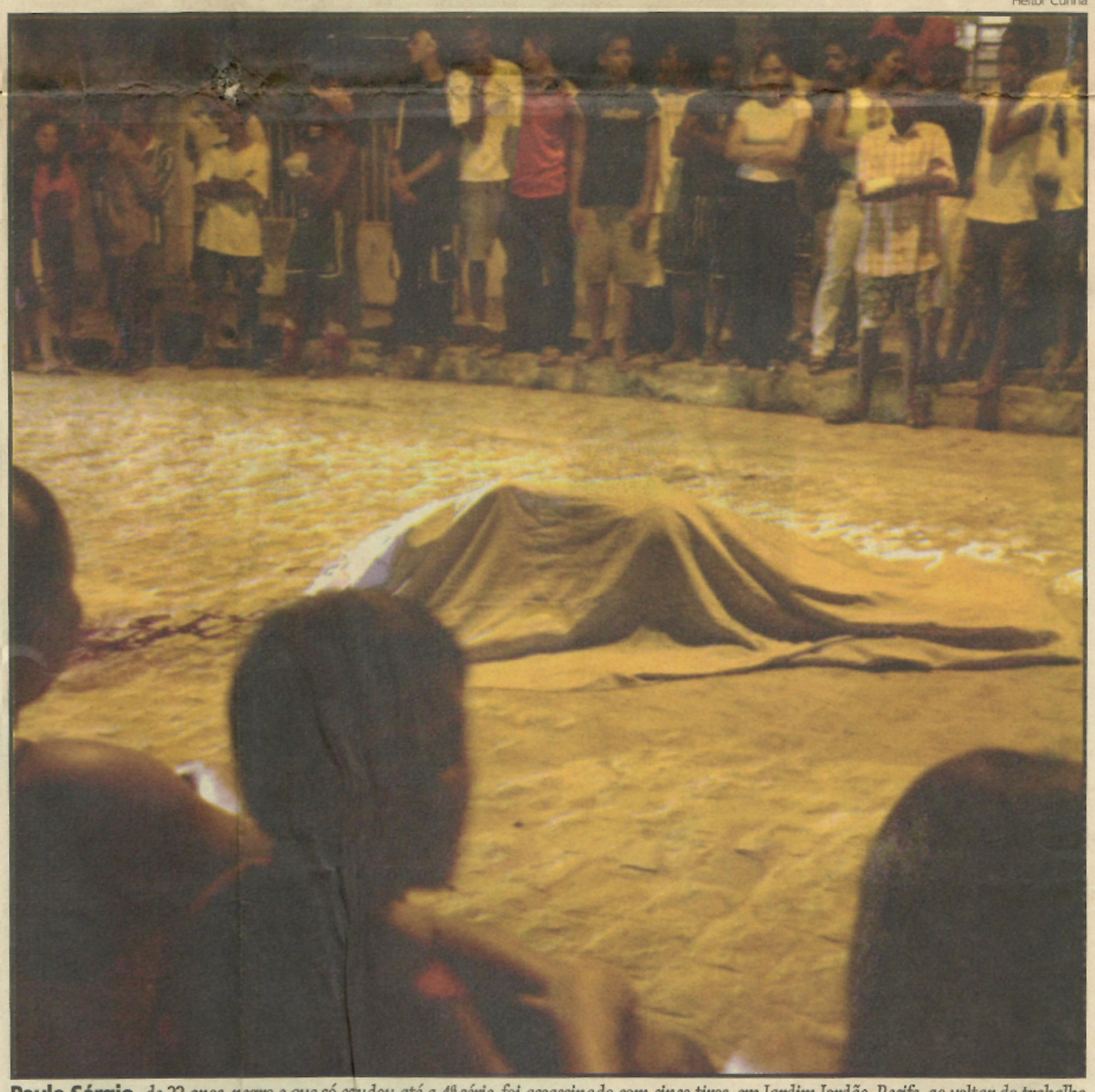
Não conseguimos encontrar de imediato o endereço informado pela polícia. Entramos em várias vias sem saída. A escuridão das ruas desertas do bairro, encravado em um dos vários morros que formam a periferia do município de Jaboatão, tornaram o caminho aterrador. Chegamos ao local do crime, às 0h40 da terça. O corpo do rapaz de 26 anos, assassinado com oito tiros, às 17h30 da segunda-feira, ainda estava no mesmo local, próximo ao terminal de ônibus. Coberto por um lençol, sob o olhar perplexo dos moradores e vigiado por uma guarnição da Polícia Militar.

O pai da vítima, que preferiu não revelar seu nome nem o do filho, se aproximou de nós e pediu para que não fizéssemos fotografias. Não foi hostil e, num desabafo, começou a falar. O rapaz morou durante 23 anos no bairro onde agora tinha sido morto e do qual havia se mudado há pouco tempo. Foi assassinado, à luz do dia, por dois homens encapuzados, que atiraram à queima-roupa. Exatamente após participar de uma partida de futebol no campo de terra batida existente na comunidade. Os assassinos ainda teriam saído atirando. Ele nos revelou que a morte do filho aconteceu em um mês de coincidências desagradáveis. Fazia apenas 23 dias que o rapaz completara 26 anos e também foi em um mês de julho que a mãe do jovem assassinado havia morrido (não precisou o ano nem as circunstâncias). O rapaz era casado, tinha uma filha e estava desempregado. Tinha previsão de começar a trabalhar no dia seguinte.

O corpo foi recolhido às 2h00 da madrugada da terça-feira. O pai fez questão de ajudar a equipe do IML a recolher o cadáver, colocar dentro do saco funerário e depois na gaveta que é veículo. Ainda tentou persuadir os funcionários do IML a deixarem ele ir junto no carro até a sede do Instituto, sendo convencido a desistir. Além de não ser permitido, pouco adiantaria. Abatido e com a voz embargada nos disse: "O mais difícil agora vai ser dar a notícia a avó dele, de 87 anos, que o amava mais que tudo neste mundo."

Por conta da impossibilidade de alcançarmos a outra equipe do IML, que saiu às 20h da sede do órgão, incubida de fazer o recolhimento dos cadáveres das vítimas assassinadas nos municípios do Cabo de Santo Agostinho e de Ipojuca — que ficam na direção oposta de onde estávamos — só conseguimos a história de um destes crimes, não menos bárbaro e em forma de registro policial. O homem assassinado a tiros no Alto da Bela Vista, em Porto de Galinhas, Ipojuca, foi o jardineiro Gildo Lourenço de Oliveira, 30 anos. O crime aconteceu por volta das 18h30 da segunda-feira e segundo a polícia, teria sido cometido por dois homens encapuzados. Gildo — que ganhava a vida vendendo adubo e plantas ornamentais e fazendo serviços em casas de veraneio em Serambi e Porto de Galinhas — morreu na frente da esposa Marinalva José da Silva, 29 anos, e dos cinco filhos, de seis, sete, oito, nove e dez anos de idade. O motivo para ser sentenciado à morte, segundo a polícia: ter impedido, há cerca de três meses, que as filhas de nove e dez anos fossem molestadas sexualmente por dois homens, conhecidos na vizinhança apenas como Val e Luís.

Heitor Cunha



Paulo Sérgio, *de 22 anos, negro e que só esudou até a 4ª série, foi assassinado com cinco tiros, em Jardim Jordão, Recife, ao voltar do trabalho*

30/JULHO

- *Flanelinha de 22 anos morto com 4 tiros no bairro da Encruzilhada, no Recife*
- *Biscateiro de 25 anos assassinado no Alto da Mina, em Olinda*

Até as 22h, não havia no IML registro de homicídios na RMR. Mantivemos contato com os policiais de plantão nas delegacias de Boa Viagem, Prazeres, Cabo, Cordeiro, Olinda, Santo Amaro e Homicídios, que também não tinham conhecimento de nenhum óbito por homicídio em suas regiões. O agente de plantão da Delegacia de Prazeres (Jaboatão), que atendeu ao nosso telefonema, às 23h30, riu e respondeu: "É de se estranhar que esteja tudo calmo na cidade do crime, não é ? Quando a noite está assim, tranqüila, é porque estão cevando (preparando a investida contra) a vítima. Pode esperar que amanhã aparecem uns quatro ou cinco cadáveres".

Ficamos na redação até as 01h da manhã da quarta e até aquela hora as equipes do IML não tinham sido acionadas para recolher cadáveres de vítimas de homicídios. A nossa expectativa aumentava. E o quanto era incômodo esperar que alguém fosse morto de forma violenta para prosseguir com o nosso trabalho. Decidimos, então, encerrar a ronda.

MORTES POR HOMICÍDIOS SÃO MAIORES ENTRE JOVENS NO PAÍS

O Mapa da Violência III, Os Jovens do Brasil, publicado pela Unesco no início deste ano, mostra que no ano de 2000, acima de 2/3 dos jovens brasileiros (70,3%) morreram por causas externas (homicídios, suicídios e acidentes de transporte), tendo como maior responsável os homicídios. Na população total do Brasil, só 4,7% dos óbitos se devem a homicídios, enquanto entre os jovens eles são responsáveis por 39,2% das mortes.

ESTADO LIDERA RANKING DE HOMICÍDIOS NO ANO DE 2000

Pernambuco aparece ao lado do Rio de Janeiro (54%), São Paulo (50,4%) e Espírito Santo (49,5%) como Estado onde metade das mortes de jovens (55,8%) são produtos de homicídios. 11,92% foi o percentual de crescimento da mortalidade por causas externas (assassinatos, acidentes e suicídios) em Pernambuco entre os anos de 1996 a 1998, o que representa uma taxa geométrica de 3,45% ao ano.

NÚMERO DE ASSASSINATOS É MAIOR ENTRE PESSOAS DE 15 A 24 ANOS

13,5% das mortes registradas entre a população total do Estado no ano 2000 foram provocadas por causas externas, sendo que deste percentual 7,8% se deram por homicídios, 2,6% por acidentes de transportes e 0,5% por suicídios, enquanto 75,6% das mortes ocorridas no Estado no ano de 2000 entre a população de 15 a 24 anos ocorreram por causas externas, sendo que 55,8% se deram por homicídios, 10,1% por acidentes de transporte e 1,9% por suicídios.

RECIFE APRESENTA ALTO ÍNDICE DE HOMICÍDIOS ENTRE JOVENS

12,1% das mortes ocorridas no Recife no ano de 2000 ocorreram por causas externas, sendo que 6,7% por homicídios, 2,4% por acidentes de transporte e 0,4% por suicídios, enquanto 66,9% das mortes ocorridas no Recife no ano de 2000 entre a população de 15 a 24 anos ocorreram por causas externas, sendo que 52,7% por homicídios, 7,2% por acidentes de transporte e 1,1% por suicídio.

No dia seguinte, através dos registros policiais – e sem conseguir ir além deles – constatamos que o primeiro homicídio daquele plantão ocorrera às 01h30 da quarta-feira, na avenida Beberibe, nas imediações do Mercado da Encruzilhada, no bairro de mesmo nome, no Recife. A vítima: o flanelinha Fábio Pereira da Silva, de 22 anos. Segundo a polícia, o jovem foi morto com quatro tiros – um na cabeça, um no peito, um no braço e outro nas costas – disparados por dois homens que chegaram em uma moto. As testemunhas ouvidas pela polícia informaram que o rapaz, apesar de morar na favela Ilha do Joaneiro, no bairro recifense de Campo Grande, passava o dia na área do mercado e à noite perambulava pelas ruas do bairro, cheirando cola e realizando pequenos furtos.

O segundo homicídio aconteceu às 2h30 da madrugada da quarta-feira, na rua Epitácio Pessoa, no Alto da Mina, em Olinda. O biscateiro André Guedes, de 25 anos, também conhecido como Moréia, morreu após levar dois tiros no rosto, dados por um homem não-identificado, quando saía de um terreiro de macumba, em companhia de Wereson Santos da Silva, de 22 anos, que teve um ferimento à bala no braço direito. A polícia levantou as seguintes informações: o jovem André Guedes seria viciado em maconha, teria ficado preso por seis meses no Presídio Aníbal Bruno, sob a acusação de assalto e integraria uma quadrilha que praticava roubos e disputava o tráfico de drogas na Favela Beira Rio, no bairro de Jardim Fragoso, em Olinda. Parentes da vítima teriam confirmado que o rapaz seria consumidor de maconha, mas se sustentava através do trabalho como carregador de cargas. Uma tia havia informado que ele morreu poucas horas depois de Ter conhecido a filha, que nascera na manhã daquela terça-feira.

31/JULHO

- *Jovem de 22 anos morto com 5 tiros em Jordão Baixo, Recife*
- *Homem de 30 anos assassinado com golpes de cano de ferro, em Ponte dos Carvalhos, Cabo de Santo Agostinho*

O primeiro registro de homicídio do plantão noturno da quarta-feira ocorreu às 21h35, na rua Torres Galvão, próximo ao terminal de ônibus do bairro de Jordão Baixo, no Recife, no limite com o município de Jaboatão dos Guararapes. Muita gente ainda circulava pelas ruas e não foi difícil chegar ao local. A aglomeração em torno do corpo da vítima, já coberto por um lençol, era grande. Policiais militares impediam a aproximação do cadáver e policiais civis interrogavam a dona de casa Antônia Alves da Silva, de 67 anos, mãe adotiva do jovem Paulo Sérgio Silva Alves, de 22 anos, assassinado à queima-roupa. O crime acontecera por volta das 20h e teria sido praticado por dois homens.

Encolhida na calçada, quase sussurrando, a mãe do jovem morto respondia às perguntas dos investigadores, amparada por dois netos. Nos aproximamos dela e acompanhamos o trabalho dos policiais. Ao ser interrogada se o rapaz tinha pai, ela respondeu que o marido, o aposentado João Clementino Alves, de 88 anos, não tinha tido forças para sair de casa e estava sob os cuidados da única filha.

Dona Antônia contou que o filho Paulo Sérgio estava voltando do trabalho – um armazém de construção no bairro de Prazeres, em Jaboatão, onde ganhava menos de um salário mínimo – e que aquela rua era caminho de volta para casa, situada na avenida Maria Irene, algumas quadras a frente. Paulo Sérgio havia voltado a morar na residência dos pais há três semanas, após se separar da esposa, com quem tinha uma filha de nove meses.

A mãe afirmou que o filho era calmo, caseiro e que saía apenas nas imediações do bairro e com conhecidos. "Ele gostava de beber, mas não era viciado em drogas", respondeu ao policial que perguntara se ele tinha algum vício. Na opinião dela, o filho – que adotara aos 30 dias de nascido e morava naquele bairro desde os quatro anos – teria sido vítima de um assalto. "Levaram a mochila, onde ele carregava a marmita, e também a carteira. Se não estou enganada, acho que hoje era dia de pagamento", afirmou. Enquanto ela prestava o depoimento, chegaram os peritos do Instituto de Criminalística e a equipe do IML.

A polícia técnica começou a perícia no cadáver, chamando ainda mais a atenção dos curiosos. Volta e meia, os PMs intervinham para que os populares não atrapalhassem o trabalho. Nos afastamos de dona Antônia e um dos agentes que procediam à investigação se aproximou de nós e comentou: "A mãe quer insinuar que o filho foi assaltado porque levaram a mochila e carteira dele, mas não se mata assim no meio da rua. É pouco provável que ele não fosse viciado em drogas. Já apuramos que fez parte de um grupo de pagode e que essa turminha não era fraca". Assim que o investigador terminou de falar, a Polícia Técnica encontrou no bolso da calça de Paulo Sérgio um dólar (um cigarro) de maconha e R$ 1,00. O mesmo investigador sorriu e se aproximou novamente: "Eu não disse que ele era viciado. Devia estar devendo a alguém".

Da maneira como o policial falou, estava ali a prova que justificava e legitimava o assassinato do jovem Paulo Sérgio. E nesse momento, ficou a impressão de que com aquele "achado" não havia mais o que a polícia descobrir ou investigar. A mãe já havia encerrado o depoimento e se aproximado do círculo de curiosos, presenciando a retirada do cigarro de maconha do bolso do filho. No rosto, além da tristeza, estava estampada a vergonha. Em conversa conosco, ela contou que o jovem Paulo Sérgio só estudou até a 4ª série do ensino fundamental e não tinha profissão. "Sempre o tratei como filho legítimo. Incentivei-o a estudar, em escola pública e pagando aula particular de reforço. Mas ele abandonava as aulas, por causa de namoradas". E completou: "A violência foi aumentando nestes anos todos e ficando mais próxima de nós. Mas nunca pensei em sofrer uma dor tão grande". Segundo a perícia do IC, Paulo Sérgio foi morto com cinco tiros, que acertaram a testa, o peito, o abdome, o peito e a nuca.

Às 0h30 seguimos para a rua da Linha, próximo ao Colégio Polivalente, no bairro Ponte dos Carvalhos, no Cabo de Santo Agostinho, na Zona Sul da Região Metropolitana. Encontramos dificuldades para chegar à rua Luiz Pereira da Paz (esse era o nome correto), sem pavimentação, mal iluminada e encravada em uma das localidades mais violentas do Grande Recife.

Uma viatura da PM aguardava os peritos do Instituto de Criminalística. Começara a garoar e os poucos populares que se arriscavam a estar fora de casa àquela hora da madrugada – entre eles adolescentes – disseram que o crime acontecera por volta das 23h30 e os assassinos – supostamente dois – teriam dado três tiros para cima após matarem a vítima a golpes de cano de ferro. Ninguém sabia dizer quem poderiam ser os criminosos ou que destino tinham tomado. O homem, aparentando 30 anos se chamava Lucas (ninguém sabia o sobrenome e não estava com documentos de identificação) e morava nas proximidades com a família, que até aquela hora não havia aparecido.

Lucas foi sido assassinado dentro de um roseiral cultivado em frente a uma casa em construção, compondo uma cena de extremo contraste. As flores, de um rosa vivíssimo, amparavam o corpo do homem que tinha tido o rosto desfigurado por conta da violência dos golpes desferidos com o cano de ferro, abandonado a poucos metros na calçada.

Em pouco tempo, chegaram os investigadores da Polícia Civil. Para fazer a ocorrência, eles usaram as mesmas informações que tínhamos colhido das pessoas no local, que voltaram a repetir o pouco que diziam saber sobre a vítima. Ao se aproximar do cadáver, um deles comentou com os policiais militares: "Devia ser um papudinho (alcoólatra). Vejam como tinha o corpo inchado". Um dos PMs respondeu: "E ouvi dizer que ele era tirado a cavalo do cão (metido a valente) e vivia de brigas". Provavelmente os investigadores haviam descoberto ali os motivos do assassinato: Lucas era um bêbado metido a valente e encontrou quem lhe respondesse à altura a suas provocações.

Como o roseiral impedia chegar mais perto do cadáver, um dos investigadores chamou um garoto de cerca de 12 anos, que estava acompanhado de dois amigos da mesma idade, e olhava de longe. "Se eu te der uma luva para colocar nas mãos, você puxa aquele corpo dali?", perguntou ao adolescente. "Tá ficando doido", respondeu o menino, arrancando gargalhadas dos colegas. Como não encontrou que aceitasse a proposta, o policial colocou as luvas e, com dificuldade, conseguiu enfim arrastar o cadáver. Depois de um exame rápido, o policial civil disse que Lucas havia sido morto com um instrumento contundente e não apresentava ferimentos à bala.

Em seguida, os policiais civis entraram no carro e foram embora, sendo seguidos pelos policiais militares, que decidiram não aguardar mais a chegada dos peritos do IC nem do carro do IML. Os investigadores saíram sem perguntar o endereço da vítima nem pelo paradeiro da família.

Já eram quase 2h00 da quinta-feira e fomos para a travessa São José do Egito, no Alto da Mina, situado no bairro de Bultrins, em Olinda, Zona Norte do Grande Recife. Seguimos para o local, de difícil acesso. As ruas estreitas e tortuosas, cortadas no barro, tornaram a subida ao morro uma aventura perigosa. Pelo caminho, não se avistava ninguém.

Ao chegarmos ao endereço indicado – uma ruela de casebres geminados, encrustrados numa das áreas mais pobres do município de Olinda – a Polícia Técnica já havia iniciado a perícia no corpo da vítima, o biscateiro José Alexandre da Silva, de 30 anos, sob a guarda de policiais militares. Os vizinhos, entre eles muitas crianças, acompanhavam a movimentação.

Enquanto os peritos trabalhavam, começamos a conversar com a sogra de José Alexandre, a dona de casa Luiza Vieira dos Prazeres. A mulher discorreu sobre os motivos pelos quais achava que o genro havia sido morto. "Ele morreu porque matou na terça-feira, aqui mesmo, um rapaz trabalhador, chamado André (o mesmo que é citado como uma das vítimas no relato da ronda da terça-feira e que segundo os registros policiais, havia sido assassinado por homens não-identificados)."

Dona Luiza disse que José Alexandre fumava maconha, já havia ficado preso por 20 dias sob a acusação de ter roubado um revólver e batia freqüentemente na esposa Ana Paula Vieira dos Prazeres, 32, com quem tinha seis filhos. "Ele desapareceu depois de matar o rapaz e ferir outro e voltou esta noite para cá. Só podia acabar assim. Matou sem razão, acusando André de ter roubado dinheiro dele". Ela contou ainda que o crime ocorreu por volta das 23h30 e que nem ela nem ninguém da vizinhança presenciou a cena ou viu quem foram os assassinos. "O que sabemos é que ele mexia com todo mundo, já havia me agredido e se amostrava (sic) demais. Quem vive assim, tem que morrer", sentenciou. José Alexandre foi assassinado com três tiros, um na cabeça e dois nas costas.

Os policiais militares conseguiram prender no local dois homens portando revólveres, que foram levados à Delegacia de Olinda para o registro do flagrante por porte ilegal de arma, e que negavam ter participação no homicídio. Já passavam das 3h30 da manhã e resolvemos encerrar a ronda daquela noite.

1º/AGOSTO

Monitoramos os registros do IML das 19h às 23h da quinta-feira – período em que não foram constatadas a ocorrência de homicídios pelo IML – e decidimos suspender a ronda daquela noite. Motivo: ter fôlego para acompanhar o plantão da sexta-feira. As estatísticas mostram que nas noites de sexta (e nos sábados e domingos também) aumentam os casos de homicídios na RMR. Policiais de plantão com quem conversamos, informaram que na quinta-feira cresce o número de assalto de carros, principalmente a partir das 18h, que geralmente são usados no dia seguinte para prática de roubos e assassinatos.

Heitor Cunha

Lucas, *negro e aparentando 30 anos, morreu entre roseiral, após ser golpeado com um cano de ferro, em Ponte dos Carvalhos, no Cabo*

TAXA DE MORTES POR CAUSAS EXTERNAS MAIOR ENTRE HOMENS

O IBGE mostra que a partir dos anos 80 cresceu o peso das causas externas nas mortes por idade, afetando principalmente adolescentes e jovens do sexo masculino. Entre 92 e 98, segundo o Sistema de Informações por Mortalidade (SIM), a proporção destes óbitos, na faixa de 15 a 19 anos, subiu de 63% para 68%. Entre os Estados, destacam-se São Paulo (77,4%), Pernambuco (74,7%), Distrito Federal (74,0%), Rio de Janeiro (73,7%) e Espírito Santo (73,3%).

GANHOS COM A REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL ANULADOS

Segundo o IBGE, o aumento na taxa de mortes por causas externas reduz a esperança de vida ao nascer no País. O que tem efeito contrário ao caso da mortalidade infantil e na infância, cuja queda resulta no aumento do número de anos de vida. Com isso, os ganhos obtidos pela redução da mortalidade na infância sãoparcialmente anulados pelos efeitos das causas externas. De 92 a 99, a mortalidade infantil no Brasil caiu de 43% para 34,6%, decréscimo de 20%.

NÚMERO DE ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS CRESCEU EM TODO PAÍS

O IBGE indica que o grupo de adolescentes de 15 a 17 anos apresentou aumento em todas as grandes regiões do País. De 1992 a 1999, para o conjunto no Brasil, esse grupo aumentou de 9,1 milhões para 10,4 milhões, o que corresponde a 14% a mais de adolescentes. Para os grupos de 18 e 19 e 20 a 24 anos, no conjunto do País, foram observados aumentos de de 19,7% e 10,6%, respectivamente, entre 1992 e 1999.

JOVENS APARECEM MAIS ENTRE NÃO-ECONOMICAMENTE ATIVOS

Os indicadores do IBGE revelam ainda que os grupos etários de 10 a 14, 15 a 17 e de 65 anos acima estão cada vez mais na parcela dos não-economicamente ativos. Essa taxa para o grupo de 10 a 14 anos diminuiu de 22,4% em 92 para 16,6% em 99. Para o grupo dos 15 aos 17 anos, a taxa saiu de 54,3% em 92 para 44,6% em 99. O IBGE diz que a redução pod,e estar associada às dificuldades de absorção pelo mercado de trabalho ou significar maior presença na escola.

2/AGOSTO

- *Rapaz de 26 anos assassinado em beco do Córrego do Ouro, em Recife*
- *Jovem de 18 anos morto com dois tiros em Peixinhos, Olinda*
- *Jovem de 22 anos alvejado a tiros no Alto da Bondade, em Olinda*
- *Rapaz de 27 anos morto no Engenho Maranguape, Paulista*

Heitor Cunha

Ailton José Batista, *negro, de 26 anos, foi alvejado com três tiros disparados a menos de 20 centímetros, no Córrego do Ouro, no Recife*

Às 20h30 da sexta-feira tomamos conhecimento do primeiro óbito por homicídio registrado pelo plantão policial na RMR. O crime aconteceu na rua Angelina, no Córrego do Ouro, no bairro de Casa Amarela, Zona Norte do Recife. Foi fácil encontrar o local, um beco estreito que corta uma das dezenas de vielas existentes naquele morro. O acesso é que não era fácil e tivemos que subir a pé pelas vias estreitas do córrego – onde é impossível passar um carro.

O corpo de Ailton José Batista, de 26 anos, estava estendido na ruela. Coberto por um lençol, sob a guarda do irmão Almir José Batista, 24, e na mira de um punhado de gente, entre elas muitas crianças. Sentado ao lado do cadáver, Almir concordou em falar sobre o irmão. Contou que Aílton estudou até a 8ª série, não estava trabalhando e lidava na construção civil, quando aparecia serviço. Disse que o irmão tinha uma filha de cinco anos e havia se separado da mulher, passando a morar com os irmãos e a mãe há pouco tempo.

"Ele saía às vezes, bebia um pouco. Mas era uma boa pessoa", resumiu. Almir disse que não sabia quem poderia ter matado irmão nem a motivação do crime. "Há muita droga no mundo e, depois, dá nisso", jogou no ar, sem confirmar se Aílton era consumidor de algum tipo de droga. Ao comentar com ele como era grande o número de pessoas mortas hoje por arma de fogo, ele respondeu: "A feira do troca está aberta para quem quiser. Não falta arma não".

Um dos vizinhos da família de Aílton, que pediu para não ter o nome revelado, afirmou que o rapaz "vivia envolvido com droga". "Ele não era de confusão com a vizinhança e todos gostavam dele. Mas era viciado em maconha e só acontece isso com quem se envolve com traficante", completou o vizinho, que disse conhecer Aílton desde criança.

Logo chegou a equipe da Delegacia de Vasco da Gama, que chamou o irmão da vítima para uma conversa reservada. Em seguida, apareceu a equipe do Instituto de Criminalística (IC), que constatou três perfurações à bala na cabeça de Aílton, uma na testa, uma no olho e outra na nuca. Ao encerrar a verificação do cadáver, o perito do IC nos disse que os tiros provavelmente tinham sido efetuados de um revólver calibre .38, a pouco menos de 20 centímetros da vítima e nos perguntou: "Vocês vão acompanhar o plantão desta noite? Ao respondermos que sim, ele se despediu com uma exclamação. "Então nos encontramos por aí. Esta noite promete !!"

Por volta das 23h30, nos dirigimos à rua São Sebastião, no bairro de Peixinhos, em Olinda, onde outro homicídio acontecera. Não houve dificuldade no acesso, já que a área não era de morro. Com os policiais militares que faziam a guarda do cadáver, descobrimos que a vítima era Sérgio Alberto de Santana, 18 anos, conhecido como *Timba*. O jovem foi morto por volta das 22h00 e morava próximo dali. Os policiais civis chegaram momentos depois de nós e um deles pegou com os policiais militares as informações sobre a vítima O investigador perguntou aos curiosos se alguém conhecia algum parente da vítima. Uma mulher respondeu que era vizinha da mãe do rapaz, que já tinha ido ao local ver o corpo do filho e voltara para casa. " Diga a esta senhora que venha aqui, que a polícia está chamando", ordenou.

Em poucos minutos, a dona de casa Zilda Maria de Santana, 49 anos, apareceu. Inquirida pelo investigador, ela respondeu que não tinha idéia de quem poderia ter matado o filho. Contou que Sérgio Alberto não trabalhava e há duas semanas havia descoberto que ele "fumava drogas". "Ele teve uma discussão há cerca de dois meses com algumas pessoas, que moravam aqui perto, mas que não sei quem são. Só que se mudaram daqui", falou. Afirmou ainda que o filho era calmo, quase não saía de casa, vivia às suas custas e acordava sempre às 13h.

Depois de falar com o policial – que informou a ela que o crime seria investigado pela Delegacia de Peixinhos –, a mãe de Sérgio Alberto se aproximou do corpo do filho, que trajava apenas uma bermuda e estava descoberto. Tentou pegar no cadáver, mas foi impedida por um dos policiais da equipe do Instituto de Criminalística, que havia chegado enquanto ela falava com os investigadores. "Mas ele é meu filho", protestou chorando. "Mas não pode mexer", retrucou o mesmo policial. A filha que a acompanhava a abraçou e as duas começaram a chorar olhando para o corpo do jovem assassinado. Depois de alguns minutos, foi convencida a se afastar.

Nos aproximamos dela, que gritava: "Ele não era marginal e foi morto na rua como um cachorro. Maldito ! Quem fez isso com o meu filho vai ter que pagar". Ela disse que soube do assassinato através do neto, que foi chamá-la em casa quando já se preparava para dormir. "Fazia pouco tempo que ele tinha tomado banho e saído", relatou. Ao perguntar se o pai dele já sabia do ocorrido, ela respondeu: "Não moro com o pai dele. Meu marido é outro". Contou ainda que Sérgio Alberto - assassinado com três tiros na cabeça - tinha começado a estudar, mas que abandonou a escola nos primeiros anos. Questionada sobre até que série o jovem fez, ela pareceu sair do transe em que estava e perguntou rispidamente: "Não sei. Mas de que isso interessa?"

Às 2h00 do sábado, seguimos para o Alto da Bondade, bairro de Águas Compridas, em Olinda. A vítima era o vendedor ambulante Adriano da Silva Santos, 22 anos, morto dentro de casa, um barraco localizado na Travessa Três Marias. O caminho foi o mais assustador de todas as rotas que seguimos durante a semana. Um submundo – muito distante da Olinda que conhecemos – foi se descortinando, composto por um cenário degradante das "casas" e casebres que se amontoam pelas ruelas, becos e travessas que sobem os morros, todas de portas cerradas.

Uma viatura da Polícia Militar estava estacionada próximo a um pequeno grupo de pessoas. Ao descermos do carro, um dos policiais militares disse: "Aquela é a mulher do rapaz assassinado". Era uma moça miúda, que estava sentada na calçada. Ao sentarmos ao seu lado, ela disse que se chamava Carla Cristina da Silva e que tinha 13 anos". Não acrediamos no que tínhamos ouvido. "Quantos anos?". E ela repetiu: "Treze". "Você tem filhos?". E ela disse: "Estou grávida de três meses. Morava com ele há um ano". Olhando o seu rosto, facilmente percebia-se que era uma criança, grávida de três meses. O que fazia supor que, no mínimo, iniciara a vida sexual entre 11 ou 12 anos.

Perguntei se ela tinha alguma suspeita e se sabia porque o companheiro havia morrido. Carla disse que o jovem Adriano era viciado em maconha e gostava muito de ir aos bregas, mas que não desconfiava de ninguém nem sabia se ele já havia recebido ameaças. E contou como o rapaz foi assassinado. "Passava (sic) da meia-noite e três homens encapuzados arrombaram a porta da nossa casa, depois de jogar umas pedras grandes no telhado, que caíram próximo da gente. Dois deles entraram e um ficou na porta vigiando. Falaram que não iriam me fazer mal. Adriano foi morto a tiros em cima da cama".

Enquanto conversávamos com Carla, chegou a equipe de investigadores da Polícia Civil. Seguimos os investigadores, que foram acompanhados pelos policiais militares até o local do crime. Descemos por um beco fétido, no qual desaguava o esgoto que saía dos barracos. Descemos por escadas cortadas na ladeira, passando por caminhos mais parecidos com labirintos, esculpidos no morro e cobertos por lonas de plástico pretas, colocadas ali para evitar os deslizamentos nos dias de chuva. Depois de se embrenhar por aquele trajeto tortuoso, tivemos que enfrentar um subida íngreme, também talhada no morro. O barraco de taipa, com cerca de dois metros quadrados, ficava encravado em um pedaço de barreira prestes a cair. O irmão de Adriano, que não quis dizer o nome, e acompanhava tudo, pediu para não fazermos foto do corpo descoberto.

Dentro do barraco, o cadáver do jovem Adriano, compunha um cenário desolador. Estava estendido em uma cama de solteiro (a única), sobre um colchão que mais parecia um pedaço de papelão – de tão fino –, coberto por um lençol em farrapos e escondido sobre um mosquiteiro desgastado que pendia do telhado de zinco. Dentro casa ainda havia um sofá velho, de forros rasgados, e uma mesa pequena de madeira com alguns utensílios domésticos. A miséria daquela casa chocava tanto quanto o assassinato e a história de vida do jovem Adriano – que nunca estudou, sobrevivia vendendo bugingangas na rua – e foi morto com cinco tiros que acertaram a cabeça, o pescoço e as costas.

Passavam das 3h00 e seguimos de lá para a rua Vidal de Negreiros, no bairro de Engenho Maranguape, no município de Paulista, próximo à Delegacia do Janga, onde se registrava outra morte por homicídio. No local do crime – um terreno tomado pelo mato, em uma esquina de uma rua cheia de bares instalados em pequenos quiosques feitos de madeira – já havia uma guarnição da Polícia Militar e outra de investigadores da Polícia Civil. Um deles olhou para nós e apontando para um boteco: "Ele foi morto quando estava saindo do Bar do Brega, mais conhecido por aqui como Bar da Morte".

O ajudante de pedreiro Genival Rodrigues Bezerra, 27 anos, foi assassinado com quatro tiros que atingiram a perna, o braço esquerdo, o abdome e o tórax, por volta 01h40 da madrugada. Uma tia do rapaz – que preferimos resguardar o nome – se aproximou de nós e começou a falar. Disse que o rapaz morava com a família em uma casa localizada próxima dali desde que nasceu e tinha cinco irmãos. Chorando, a senhora disse que a irmã dela, mãe de Genival, estava em casa sob o efeito de remédios e vivenciava um momento de muito sofrimento. Havia perdido o marido há cerca de dois meses (que faleceu de morte natural) e outro filho (que morreu por causa do consumo excessivo de álcool).

Ela falou ainda que o sobrinho era uma pessoa calma, não fumava, não tinha vício algum e que não imaginava quem poderia ter feito aquilo. "Ele gostava muito de freqüentar o bar do Brega, mas não era de brigas", completou. A tia contou que Genival estudou até a 4ª ou 5ª série do ensino fundamental (não sabia precisar) e trabalhava quando aparecia serviço. Na vizinhança, apesar de ainda haver muita gente na rua, não houve quem afirmasse ter presenciado o crime ou que soubesse dizer se Genival tinha sido morto por uma ou mais pessoas. Já eram mais de 4h00 da madrugada do sábado e resolvemos encerrar o trabalho.

Na segunda-feira, 5 de agosto, soubemos que naquela noite de sexta-feira e madrugada de sábado foram registrados outros cinco óbitos por homicídios na RMR. Não tivemos notícia destes crimes durante nossa ronda porque os corpos das vítimas foram localizados na manhã do sábado. Assim, só obtivemos informações dos registros policiais: As vítimas foram Gledson Soares da Silva, de 19 anos; os estudantes Leomir Santana de Souza, 18 anos, Márcio Gomes de Paula, 20, Ademilson Souza e Castro, 22; e o ajudante de serviços gerais Valdir Carlos Rodrigues, 23.

O cadáver do jovem Gledson foi encontrado na área de construção da Estação do Metrô de Porta Larga, em Jaboatão dos Guararapes, com um tiro na testa e outro no olho, e as mãos amarradas para trás. A estimativa é de que tenha sido morto às 3h00 do sábado. Os três estudantes foram assassinados em um matagal às margens da BR-232, próximo à Granja dos Padres, no bairro de Curado II, em Jaboatão dos Guararapes. Leomir levou nove tiros, Márcio seis e Ademilson oito. Os três cadáveres apresentavam perfurações na região frontal direita do crânio e no peito. Os peritos acreditam que os tenham sido mortos às 4h00 do sábado. O jovem Valmir foi morto com tiros na cabeça na rua da Ladeira, no bairro de Águas Compridas, em Olinda, por volta das 23h.

NOTA: As estatísticas de registro de óbitos por homicídios são compostas também pelas ocorrências registradas nas emergências dos hospitais públicos — para onde são levados as vítimas encontradas ainda com vida. O que não levamos em consideração neste trabalho.

Jovens armados

CLANDESTINIDADE RONDA COMÉRCIO DE ARMAMENTOS

Cano longo, cano curto, acabamento oxidado ou inox, carregador adicional, capacidade para cinco, seis, sete ou até 15 tiros. O folheto, encontrado no hall da Delegacia de Armas e Explosivos, situada no Bairro do Recife, e utilizado por uma loja especializada na venda de armas, parecia falar de uma mercadoria inofensiva. Mas, na verdade, vendia as qualidades de revólveres e pistolas, de calibres variados, que poderiam ser adquiridos a preços que iam de R$ 600,00 a R$ 1.300,00, em até seis pagamentos. "Mas isso é só para policiais", alerta um agente, que passava pelo local.

Distante dali, no bairro dos Torrões, às margens da avenida Abdias de Carvalho, um amontoado de gente chama a atenção de quem passa, sempre nos dias de sábado e no horário da tarde. É a famosa feira do Troca-Troca – uma das 14 existentes na Região Metropolitana do Recife – onde é possível se "trocar" de tudo, de animais até carros ou armas. Neste caso, o comprador pode ser qualquer pessoa, sem distinção de cor, raça, sexo ou profissão. Alguém que, por exemplo, adquira uma arma para obter, de forma ilícita, mais dinheiro.

Sejam expostas como artigos de luxo nas prateleiras de lojas ou negociadas de forma clandestina em feiras da RMR, as armas de fogo são hoje o principal objeto de desejo de uma grande parcela da população. "Elas tanto podem oferecer uma falsa idéia de segurança para quem a adquire, como também serem utilizadas para roubar, assaltar e matar", adverte o comandante-geral da Polícia Militar de Pernambuco, coronel Iran Pereira. Segundo ele, a falta de controle e fiscalização sobre a fabricação e a comercializa;ão de armamentos é um dos fatores que contribuem para a explosão da violência. "O acesso às armas se dá dentro da clandestinidade, mas é preciso que o Governo Federal aperte também a fabricação, a comercialização e importação do produto", afirmou.

R$ 130,00 FOI O PREÇO PAGO POR UM REVÓLVER NA FEIRA DO TROCA-TROCA DE CAVALEIRO, EM JABOATÃO DOS GUARARAPES. COM A ARMA, UM MENOR REALIZOU PRIMEIRO ASSALTO

Mecanismos como o da proibição do porte de armas, decretado pelo governador Jarbas Vasconcelos, em 1997, parecem não ser suficientes para conter a escalada crescente do uso de armamentos no Estado. Pernambuco foi apontado pelo Mapa da Violência III, da Unesco, como o Estado onde mais se utiliza armas de fogo para cometer homicídios em todo o País, ficando o Rio de Janeiro em segundo lugar. "O Estado não pode fazer esse controle sozinho. É preciso que haja uma ação nacional que intensifique as abordagens para apreensão de armas em todo o País", observa Iran Pereira. Segundo ele, a proibição do porte foi um primeiro passo. Outra ação, desenvolvida pela PMPE – a gratificação do policial militar por arma apreendida – é mais uma iniciativa que vem ajudando a reduzir o número de armas em circulação no Estado. A campanha, iniciada em maio deste ano, em 30 dias conseguiu aumentar em 10% a média mensal de apreensões no Estado.

"No entanto, não temos controle sobre as nossas fronteiras de Estado para Estado. Não adianta o governador proibir o comércio de armas em Pernambuco, se da Paraíba não proíbe. Posso até diminuir a quantidade de armas em circulação no Estado, mas não vou diminuir a quantidade de armas da Bahia, Sergipe, Alagoas. No Paraguai, você compra até canhão. É preciso, então, policiar nossas fronteiras para conter a entrada dessas armas no País", explicou.

A exposição de armas em vitrines é outro aspecto que merece a atenção. No centro do Recife, a loja O Rei das Armas, na rua Primeiro de Março e especializada em artigos esportivos, é um exemplo. A loja é um dos seis estabelecimentos autorizados pelo Setor de Produtos Controlados do Exército a funcionar com revenda de armas de fabricação nacional. "Essa exposição aberta deveria ser controlada também", avalia Iran.

"Esse é o cidadão comum que quer possuir uma arma em casa ou no trabalho para se proteger", classifica o delegado Esdras Marques da Cunha, chefe da Divisão de Armas e Explosivos da Polícia Civil, hoje responsável pela legalização e registro de armas comercializadas no Estado. Segundo ele, desde a proibição do porte de armas em Pernambuco, a média mensal de registros expedidos pela delegacia diminuiu de cerca de 400 para 30, a maioria para empresas de vigilância, que possuem autorização do porte para seus funcionários em serviço. De janeiro a junho deste ano, foram concedidos registros para 245 armas – 203 curtas e 42 longas.

Segundo Esdras Cunha, Pernambuco tem hoje nove estabelecimentos autorizados pelo Exército a comercializar armamentos – seis situados na RMR e os demais nas cidades de Petrolina, Caruaru e Vitória de Santo Antão. O delegado explicou que para se legalizar uma arma é necessário que exista um registro do Sistema Nacional de Armas (Sinar), criado através da lei 9.437, de 20/02/97. Segundo Esdras, através deste registro, o cidadão civil pode comprar um armamento apenas para tê-lo em casa ou no trabalho. E para isso ele precisa atender a uma série de requisitos. "Não é tão simples quanto se imagina. As exigências em Pernambuco são maiores do que nos Estados onde o porte de arma é permitido", avalia Esdras. Segundo ele, o comprador deve encaminhar primeiro um requerimento à delegacia. "O documento tem que conter dados como identidade, CPF, comprovantes de rendimentos e residência e a nota fiscal de compra da loja ao fabricante".

Segundo Esdras, esses são mecanismos de fiscalização do comércio. "Depois desse processo, encaminhamos o requerimento ao Instituto de Identificação Tavares Buril (ITB) para saber se consta algum antecedente criminal do comprador. Se houver, a venda da arma é imediatamente indeferida". Além disso, as lojas estão autorizadas pelo Exército a ter em seus estoques um limite máximo de 200 armas. O delegado explica que as regras de concessão de registros são válidas para qualquer pessoa. "Se um policial estiver com uma arma que não for registrada, ele perde o direito do porte funcional e terá o armamento apreendido", exemplifica.

Atualmente, os estabelecimentos que atuam na venda de armamentos trabalham com dois tipos de público específico. Os policiais, que têm direito a adquirir três armas (duas de cano curto e uma de cano longo) e as empresas de vigilância, que são autorizadas pelo Exército a adquirir os artefatos. "Os policiais militares são proibidos de repassar o armamento. Existe um processo de autorização que parte do comandante da corporação para que ele compre a arma. Ele só poderá transferir o arma depois de usá-la durante cinco anos e se a pessoa para quem for repassar seja policial também", diz o coronel.

TROCA-TROCA - O comércio clandestino de armas e munição é um dos problemas que mais preocupam atualmente as polícias Civil e Militar do Estado. As chamadas feiras do troca-troca já estão sendo alvo de um trabalho de investigação do Serviço Reservado de Inteligência da PMPE, que identificou locais e o modo como se dá a negociação dos armamentos. Existem, pelo menos, 14 feiras na Região Metropolitana do Recife, onde o comércio de armas é feito às escondidas – entre elas as mais conhecidas estão localizadas nos bairros de Peixinhos (Olinda), Cavaleiro, Prazeres (Jaboatão), Abdias de Carvalho (Recife) e Tiúma (Camaragibe). Ao contrário do que se pensa, a negociação não é feita no próprio local. Os compradores são levados por aviões (que intermediam o processo).

"A estratégia é simples. Na feira, alguém oferece a mercadoria, pega um carro e vai buscá-la ou então leva o comprador até a fonte. O produto nunca fica à mostra, mas há armas de todos os tipos: roubadas, sem registro, com numeração adulterada etc", revelou Iran Pereira. Segundo o coronel, a negociação à distância seria a forma utilizada para driblar a polícia, já que não há como comprovar o crime. "Uma investigação sem provas perde o seu objetivo", admitiu o coronel.

O comércio clandestino de armas faz parte do universo da maioria dos jovens da periferia do Grande Recife. "Comprei um revólver com R$ 130,00 na feira de Cavaleiro e usei para praticar o primeiro assalto da minha vida", revelou Lúcio (nome fictício), 17 anos, interno no Centro de Internação Provisória (Cenip), da Fundação de Amparo à Criança e ao Adolescente (Fundac). Segundo ele, não é difícil encontrar quem ofereça a mercadoria. "Basta chegar e falar com a pessoa certa".

PROIBIÇÃO DO PORTE DE ARMA REDUZ PEDIDOS DE REGISTROS

245 registros de armas foram concedidos de janeiro a junho deste ano pela Divisão de Armas e Explosivos da Polícia Civil. A média mensal de registros expedidos diminuiu de cerca de 400 para 30. O fato se deveu, segundo a Divisão de Armas e Explosivos, da Polícia Civil, ao decreto do Governo do Estado, de 1997, proibindo a concessão de porte de arma em Pernambuco.

NÚMERO DE APREENSÕES DE ARMAS ULTRAPASSA 2 MIL

2.517 armas — roubadas, sem registros, com numeração adulterada — foram apreendidas pela Polícia Militar de Pernambuco, de janeiro a julho deste ano, em blitze para abordagens na RMR e no Interior. Em 2000, dos 44.715 jovens que morreram, 13.186 foram por arma de fogo. Nada menos que 29,5% de todas as mortes juvenis, segundo o Mapa da Violência III, da Unesco.

Heitor Cunha

Feiras *do troca-troca escondem comércio ilegal de armamentos, adquiridos geralmente através de roubos*

POR QUÊ

Heitor Cunha

"As quadrilhas sabem que o menor é fácil de manipular. Ele se arrisca mais pela impunidade. O próprio Estatuto da Criança e do Adolescente é muito brando nas penas. O de maior idade sabe que assalto e formação de quadrilha resulta em auto de flagrante e que ele vai parar no Aníbal Bruno. O menor, não. Vai para a Fundac, no Cabo, em Paratibe, para centros de recolhimento que "ressocializam" ninguém sabe até quando. O menor é sempre um instrumento e entra na criminalidade muito novo. Acho que a gente tem que rever a questão das penas, porque indivíduos de 15, 16 e 17 anos já estão numa compleição física de adulto. Aí está o fato. Se tivermos o cuidado de analisar os homicídios que dão entrada do IML, veremos que a modalidade e os locais dos crimes são sempre os mesmos: armas de fogo e periferia. Qual o destino desse menor?

Coronel Iran Pereira, comandante-geral da Polícia Militar de Pernambuco

Edvaldo Rodrigues

"Existe uma lógica perversa entre aqueles marginais que se intitulam justiceiros e o jovem de 14, 15 a 25 anos, a faixa que mais está exposta. Muitas vezes ele não é um bandido, mas faz parte daquela comunidade marginalizada. A violência doméstica o leva às ruas para procurar outra família, que nem sempre é a que o adota com carinho, que dá amor e que faz dele um cidadão de bem. Na maioria das vezes, essa outra é uma família marginal e que o leva à morte. Infelizmente acontece muito isso. O jovem se espelha no bandido da sua área e começa a copiá-lo com pequenos atos infracionais. Vem o chamado justiceiro, que é o próprio bandido sob uma capa de protetor, e extermina aquele jovem antes que ela cresça. Estamos trabalhando junto às famílias das vítimas. Aliando o trabalho técnico-científico do investigador com o trabalho de assistentes sociais e psicólogos. Nessa ocupação de espaço, trazemos para junto da gente aquela população que está junto do bandido."

Delegada Olga Câmara, chefe de Polícia Civil de Pernambuco

Ricardo Fernandes

"Os jovens morrem porque não têm um sonho, um objetivo. A conjuntura social e econômica do País os deixa vulneráveis a todo tipo de violência. A escola não ensina adequadamente nem comporta a todos. As condições de moradia não são dignas e o acesso ao sistema público de saúde não é fácil. Você entra em uma favela e está todo mundo sentado na rua ou assistindo à TV. Eles não têm futuro. E assim a violência vai se generalizando. E não falta quem denuncie. Nós (as ONGs) estamos sempre gritando, mas as autoridades não têm compromisso conosco. Há 4 anos, entregamos em Brasília a Fernando Henrique um dossiê com números sobre a violência praticada contra os jovens no País e não obtivemos respostas. O governo só vai à favela reprimir. E com isso os jovens são excluídos do direito de viver. A juventude não faz armas, mas está sendo morta por elas.

Helena Jansen, militante da ONG Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua

Jovens infratores

Fotos: Heitor Cunha

Márcia *(nome fictício) aguarda há um mês medida socioeducativa na Case Santa Luzia, no Cordeiro*

" Eu me deixei levar pela influência, não era para fazer isso não. Estava em semiliberdade. Passei quase três meses no Casem. E aí num final de semana passou uma mulher, ele anunciou o assalto e pegou os pertences dela. Na minha primeira queda, eu tinha trocado a arma numa bicicleta, na feira de Cavaleiro.

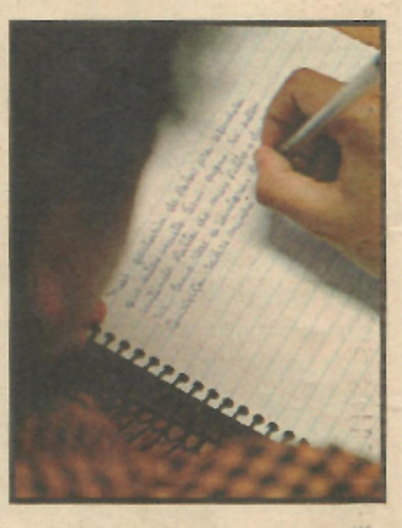
Esdra (nome fictício), 17 anos, latrocínio
Origem: Ibura

"Um menino me disse quanto tinha e aí eu fiu assaltar. A arma não era minha, era dele. Foi a primeira vez. Safadeza, mesmo. Já tive outra passagem por porte ilegal de arma, mas fui liberado, tava eu e um de maior, eu tava com a arma. Você consegue arma, nos Torrões. Só tem dois caminhos nessa vida: presídio ou cemitério".

Josué (nome fictício), 17 anos, assalto
Origem: Imbiribeira

"Só eu tava com arma. Comprei na feira de Peixinhos, por R$ 130,00. Era um 32. Tava precisando de dinheiro para comprar leite pra meu filho, de 1 ano. Estudei até a quarta série. Você vê muitos adolescentes perdidos nessa vida. Falta de emprego, o governo podia abrir um negócio pra gente, ajudaria mais o adolescente.

Abraão, 17 anos, assalto
Origem: Cavaleiro



"Há bastante tempo eu conhecia ele. Estudava na mesma escola. Um certo dia ele me chamou para ir dormir com ele. E começamos a viver junto. Não sabia que ele fazia coisa errada. Tinha três meses de relacionamento, quando a polícia chegou em minha casa atrás dele. Estou estudando e posso sair pra aula. Graças a Deus, a unidade me deu vida nova".

Maria (nome fictício), 16 anos
Origem: Itapissuma

"Tô aqui há 13 dias porque bati no minha filha, de um ano e quatro meses. Me arrependi, mas eu não tava fazendo nada de mais. Fiquei com raiva porque o pai dela deixou de me ajudar nas despesas, a raiva subiu pra cabeça e eu começei a bater nos braços e nas costas dela. O pai e o vizinho viram e chamaram a polícia. Estou esperando outro. Quando nascer, vou dar."

Madalena (fictício), 16 anos
Origem: Sirinhaém

"Minha mãe é separada do meu pai e tenho dois irmãos. Quando fazia o terceiro ano primário, deixei de estudar. Engravidei a primeira vez, com 14 anos. Numa festa, há três meses, encontrei esse rapaz e fui morar junto com ele. Sabia que ele fazia coisa errada, mesmo assim aceitava o que ele fazia. Um dia a polícia chegou lá em casa e me trouxe pra cá."

Isabel (nome fictício), 17 anos
Origem: Jaboatão

A BUSCA PELA REINTEGRAÇÃO

De vítimas a autores da violência. A realidade de adolescentes infratores, que cumprem medida socioeducativa nas unidades de internação da Fundac, revela um universo pequeno se comparado com o número de jovens que são mortos ou vítimas de violência no País. Há uma falsa idéia, de acordo com autoridades judiciárias, de que esses jovens são os maiores agentes da violência. Os números mostram exatamente o contrário. No Brasil, existem atualmente 30.740 adolescentes infratores, destes 7.693 encontram-se em situação de internação, 2.555 em internação provisória, 1.393 mil em regime de semiliberdade e 19.099 em liberdade assistida.

Os números – divulgados recentemente durante o Fórum Nacional de Dirigentes de Entidades Executoras a Política de Promoção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – são reveladores. "Num país de 170 milhões de habitantes, não se resolver o problema de 30 mil é incompreensível", questiona o presidente da Fundac/PE, Ivan Porto. Em Pernambuco, essa realidade fica evidente ao se analisar os números levantados ano passado pela Diretoria de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), encarregada de registrar tanto as agressões sofridas por menores de idade quanto as infrações cometidas por eles. Segundo o levantamento, 543 atos infracionais foram praticados por adolescentes, enquanto 2.139 crimes foram praticados contra crianças e adolescentes.

"Foram cometidos 293,9% a nais de crimes em relação aos atos infracionais. Isso mostra que a violência é muito maior contra a população infanto-juvenil, do que o grau de agressividade que essa população representa para a sociedade", alerta Ivan Porto. É com base nessa realidade que a Fundac-PE trabalha. "O problema do menor infrator não é tão grave quanto parece e pode ser resolvido se houver vontade política para isso", observou ele. Em Pernambuco – Estado que possui 8 milhões de habitantes – até o último dia 18, a Fundac mantinha 814 adolescentes distribuídos nas unidades de atendimento protetivo (400 abandonados) e socioeducativo (414 adolescentes infratores).

No último dia 7 de julho, a reportagem do DIARIO visitou duas das seis unidades da Fundac na Região Metropolitana do Recife (RMR) – o Centro de Internação Provisória (Cenip), situado no bairro de San Martim, e o Centro de Atendimento Socioeducativo Santa Luzia, destinado a adolescentes infratoras. No Cenip, um total de 69 internos ocupava as 19 celas da unidade. Lá, os adolescentes aguardam por um período de 45 dias a medida socioeducativa a ser aplicada pelo juiz da 3ªVara da Infância e da Juventude, Humberto Vasconcelos.

543 ATOS INFRACIONAIS FORAM PRATICADOS POR ADOLESCENTES, ENQUANTO 2.139 AGRESSÕES FORAM REGISTRADAS PELA DPCA ENTRE JANEIRO E JUNHO DE 2001

Juntos, eles ocupam espaço que seria suficiente para apenas 47 pessoas. São acusados de latrocínio, assalto, pequenos furtos, tráfico e consumo de drogas, entre outros, que se aglomeram, numa situação, que segundo a diretora do Centro, Maria José Delgado, é de muita ansiedade. Do Cenip, eles são levados para uma unidade de internação (Cabo ou Abreu e Lima) ou para a Casa de Semiliberdade (Casem), na avenida Norte.

Na Case Santa Luzia, onde 12 adolescentes (três das quais gestantes) se encontravam recolhidas, a realidade parace mais amena. A casa, situada no bairro do Cordeiro, trabalha com três tipos de medidas – acolhimento provisório (45 dias), internamento (para sentenciadas) e regime semiaberto (quando é possível sair para trabalhar e estudar). Lá, as garotas ocupam cinco quartos. A casa conta também com refeitório, sala de atendimento psicológico, cozinha e uma quadra de esportes. "Aqui não temos celas e procuramos manter um aproximação com a família das internas porque acreditamos não ser possível ressocializar confinando", explicou a psicóloga, Carmem Lúcia Feitosa, que há oito anos atua na unidade.

Carmem se orgulha em dizerque, nos 12 anos de existência da casa, apenas duas menores foram encaminhadas para a Colônia Penal Feminina do Bom Pastor. "O número de meninas saídas daqui para alimentar o sistema penitenciário é mínimo. Na maioria dos casos, a recuperação é total e criamos um vínculo com elas, a ponto de nos ligarem depois que saem", comenta a assistente social Macelle Nogueira, há 5 anos na casa.

NOVO PERFIL - Desde a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, há 12 anos, o perfil das instituições especializadas na questão do adolescente infrator vem mudando. Em Pernambuco, a Fundac, antiga Febem, é um exemplo. Apostando no reordenamento da instituição, o presidente Ivan Porto está disposto a investir cada vez mais na qualificação dos profissionais que atuam nos Centros de Atendimento Socio-educativo (Cases), para onde vão adolescentes infratores.

À frente da Fundac desde 99, Ivan Porto explica que, de acordo com o estatuto, o atendimento protetivo – atualmente feito pela instituição – deveria ser realizado pelo Poder Municipal. O órgão hoje possui 14 unidades de atendimento socioeducativo, na Região Metropolitana do Recife e no Interior, e nove abrigos destinados a crianças abandonadas. "A delinqüência é um fenômeno complexo, necessita da atenção de especialistas".

Um projeto visando a modificação da natureza do atendimento da Fundac deverá ser encaminhado em breve para análise do governador Jarbas Vasconcelos. De acordo com Porto, enquanto não se concretiza a mudança, a instituição vem realizando a contratação temporária de profissionais das áreas de teatro, música, dança, percussão etc – para atuar nos Cases.

POR QUÊ

"O ponto fundamental da violência contra a criança e o adolescente é a falta de direitos. As políticas não são implementadas, executadas, e isso gera um ambiente propício para a violência acontecer. Representantes dos municípios que estiveram reunidos durante a 4ªConferência Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente, realizada em Pernambuco, no ano passado, apontaram problemas como falta de escola, posto de saúde, lazer. Essas faltas todas geram uma violência estrutural. Somos levados a achar que violência é só o assassinato. Mas a violência estrutural é muito maior e mais difícil de se atacar. Faz-se um programa para tirar meninos e meninas das ruas de Boa Viagem, Recife Antigo, Agamenon Magalhães etc. E na comunidade dele, ele pode ficar na rua? Essa é uma lógica imbecil. Alegam o turismo, o visual da cidade, mas não se ataca fundamentalmente a questão. O menor está na rua lá na sua comunidade e é lá onde ele morre."

Ivan Porto, presidente da Fundac

"A gente (a sociedade, o Poder Público) está se sitiando e não está vendo ou não querendo ver. Somos co-responsáveis por esta situação. Basta ver o que diz o artigo 70 do Estatuto da Criança e do Adolescente: 'É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente'. O Estatuto já é um adolescente, fez 12 anos, e está esperneando. É uma lei preciosa que a gente não está cumprindo. Hoje as pessoas blindam os carros, se armam, mas isso não é solução. Temos que fazer uma campanha maciça pelo desarmamento e investir na investigação das fontes de venda de armas, pois elas acabam parando nas mãos de meninos e também tornando-os vítimas. Temos que começar a incentivar a juventude e dizer a ela que vale a pena estudar, conviver em família. Verbos como amar, conviver, dialogar não estão sendo praticados. Sem educação familiar e escolar, a expectativa de futuro dos jovens é estreita, faz com que eles priorizem valores imediatistas."

Humberto Vasconcelos, juiz da 3ªVara da Infância e da Juventude da Capital

"Relatório do Ministério Público de Pernambuco sobre a delinqüência juvenil no Estado entre 1990 e 1999 mostra que os jovens são muito mais vítimas do que infratores. E de quem é a culpa pela morte dos jovens? De todo mundo. Da sociedade, do Estado, da mídia. Pois na medida em que se dá a falsa noção de que os jovens são responsáveis pelo crescimento da violência, a sociedade começa a legitimar os extermínios, as execuções. Maior é a violência estrutural, que nega alimentação, saúde, educação, moradia, dignidade. Esta não é vista facilmente, apesar de estar na nossa frente. Não sai sangue, mas deixa marcas mais profundas. Os jovens morrem porque encontram eco na sociedade, que quer purgar seus males nos outros. E há uma seletividade perversa nessa violência. Quais são os jovens que morrem? Pobres, negros, semi-analfabetos, analfabetos, moradores da periferia. Não são homicídios *democráticos*, se é que podemos usar este termo. Há uma classe específica da população sendo vitimizada."

Westei Conde y Martin Junior, promotor de Justiça da 6ªPromotoria de Defesa da Cidadania da Capital

Jovens resgatados

VIDA NOVA PARA QUEM SAI DAS RUAS

DOAÇÕES E PRODUÇÃO GARANTEM ENTIDADE

R$ 2 mil é o custo mensal do Sítio Capim de Cheiro de Cima com a alimentação dos adolescentes-moradores. A entidade sobrevive basicamente de doações, vindas de organizações internacionais holandesas e alemãs. Atualmente, a área possui 5 hectares cultivados com inhame, macaxeira, feijão-verde, batata e milho. A produção também é vendida para cobrir as despesas

CAPACIDADE APENAS PARA 20 MORADORES

20 moradores é a capacidade atual do sítio, que tem cinco casas — três utilizadas como dormitórios, o refeitório e uma destinada às oficinas de arte e costura. Só de janeiro a junho deste ano, o Capim de Cheiro distribuiu 3.680 refeições entre moradores e jovens que visitam o local para conhecer e decidir se querem ficar lá e se afastar das drogas.

Fotos: Ricardo Fernandes

Helena e Adriano Janssen, *unidos há 28 anos, são os idealizadores do Centro Educacional Vida Nova, no município de Caaporã, Paraíba*

Todos os dias uma equipe de educadores sai anonimamente às ruas do Recife em busca de crianças e adolescentes que perambulam pela cidade. O objetivo da abordagem é simples: é feito um convite a esses meninos e meninas – que geralmente convivem nas ruas fugindo da violência doméstica – para conhecerem uma nova realidade. Distante das drogas, dos sinais de trânsito, do barulho dos carros, eles são levados – se aceitarem a proposta – para um espaço, onde poderão experimentar uma vida nova, um novo cheiro, diferente do da cola e da gasolina, a que estão acostumados. Uma Kombi cedida pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente do Recife (Comdica) os leva para o Sítio Capim de Cheiro de Cima, situado no município paraibano de Caaporã, a 80 quilômetros do Recife.

A propriedade, que a princípio parece ser mais uma entre tantas situadas na zona rural de Caaporã, se diferencia, logo de cara, pelo fato de não possuir cercas nem portões. Com um total de 8 hectares, o sítio dá aos garotos uma sensação de liberdade jamais sentida. As crianças são levadas para o local pelos integrantes do grupo Ruas e Praças, ONG criada há 13 anos, nascida de uma experiência da prefeitura. À sombra das fruteiras, todos se reúnem para realizar atividades e se confraternizar. "Aqui ninguém é obrigado a trabalhar, mas cada um se sente responsável por desenvolver uma atividade", explica Helena Janssen, do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, idealizadora do projeto.

Junto com o marido, o ex-padre holandês Adriano Janssen, Helena explica que os jovens são recebidos no local, a princípio, como visitantes. "Eles têm o primeiro contato e passam dois dias aqui. Dormem, fazem as refeições e participam das oficinas e atividades", explica. Depois, as crianças são levadas de volta para as famílias – não mais para as ruas – e passam a ser acompanhadas. Num segundo momento, que é definido pela própria disposição da criança em retornar ao local, eles voltam ao sítio, levados pelo grupo, para uma estadia, desta vez, de cinco dias. "Aqui só fazemos duas exigências: que o jovem não use drogas e estude. Quando ele percebe que está apto a deixar as drogas, pode passar a morar aqui", explica Helena.

É nesse momento que a vida do jovem muda radicalmente. "O contato com o campo, as árvores, o riacho, a terra, dá a esses meninos a oportunidade de sonhar em sair daquela vida nas ruas e partir para uma vida melhor", relata Adriano Janssen. Segundo ele, a criança vive um momento de conflito interior quando tem que optar por um dos cheiros – o das ruas ou o da vida. Feita a escolha, é hora de recomeçar.

Para quem chega no sítio, a primeira impressão é a de paz. Os jovens e os educadores estabelecem entre si uma convivência familiar. "Aqui todos estudam e desenvolvem atividades, nos horários certos e de forma responsável", explica a enfermeira Maria José Jacinto da Silva, 39 anos, coordenadora administrativa da propriedade. Segundo ela, o sítio conta com três educadores-moradores, dois educadores-acompanhantes e uma pessoa responsável pela alimentação. Ao todo, a propriedade tem cinco casas – três utilizadas como dormitórios, o refeitório e uma chamada de Centro Educacional Vida Nova, onde são desenvolvidas oficinas.

O sítio conta ainda com um campo de futebol, diversas hortas e uma estrada de terra que leva a um riacho. No dia em que a reportagem do DIARIO esteve lá, 12 crianças, vindas de localidades como Coelhos, Santo Amaro e Coque, no Recife, ocupavam as casas destinadas aos moradores. Adolescentes como Caio, Anderson, Cleonice, Marcos e Emerson, com idades variando entre 15 e 17 anos, todos ex-viciados, e que tiveram seus destinos modificados. "Muitos acabam pegando o gosto pela terra e aos 18 anos (idade limite para ficar no sítio) decidem que querem ter um pedaço de chão para produzir e ganhar a vida", comenta Adriano. Ao chegarmos no local, parte do grupo limpava o inhame que acabara de ser colhido. "As atividades de produção são desenvolvidas à tarde, enquanto os mais jovens vão para a escola. Os mais velhos estudam à noite", explicou Maria José. A produção é vendida e o apurado ajuda a custear as despesas do sítio – hoje estimadas em R$ 2 mil. As frutas e legumes também são utilizadas na alimentação.

> FALTA DE RECURSOS IMPEDE CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO DE CONSTRUÇÃO DE FÁBRICA DE DOCES, QUE APROVEITARIA FRUTAS PRODUZIDAS NO SÍTIO

O sítio – que tem capacidade para abrigar até 20 moradores – sobrevive basicamente de doações, vindas de organizações internacionais, principalmente da Holanda. O espaço foi criado a partir da iniciativa de Helena e Adriano Janssen, ambos com um histórico de luta em prol dos movimentos populares. Casados há 28 anos, eles eram os proprietários da área, quando em 1991 decidiram que aquele seria um espaço dedicado às crianças e adolescentes de rua. "Fizemos um almoço com jovens atendidos pela Casa da Criança de Olinda e o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, recém-formado na época, quando uma das crianças participantes virou-se para mim e disse: 'Aqui me sinto mais importante que o governador'", relembra Janssen. A partir dali, teve início o trabalho, até hoje sem o apoio do Poder Público.

As dificuldades também fazem parte do dia a dia do Sítio Capim de Cheiro de Cima. Apesar de possuir um solo fértil e água em abundância – garantida por um sistema de captação movido a bomba – a propriedade está necessitando de agricultores que se disponham a trabalhar prestando assistência técnica para ampliar e diversificar a produção. Atualmente, o sítio possui 5 hectares cultivados com inhame, macaxeira, feijão-verde, batata e milho. "Poderíamos ter mais produção, mas por falta de assistência técnica, ficamos impossibilitados de crescer", afirma Adriano Janssen, que vai ao sítio uma vez por semana, sempre às quartas-feiras, para acompanhar o trabalho no campo.

Sem assistência técnica, ficam limitadas também as chances de aumentar o faturamento com a produção. "No ano passado, o sítio vendeu 560 arrobas de inhame (cada arroba tem 15 quilos) e o dinheiro foi utilizado para compra de alimentos, cujos estoques deverão acabar dentro de seis meses", admitiu Maria José. Segundo Adriano Janssen, alguns convênios mantidos com entidades holandesas e alemãs também estão prestes a ser encerrados. "Temos a certeza de que sobreviveremos, porque onde existe organização nunca falta dinheiro, mas infelizmente alguns projetos, como o da fábrica de doces, terão que esperar para serem concretizados".

O apurado com a venda da produção é destinado para o pagamento de despesas e o custeio de atividades como o encontro de mães, que acontece, no sítio, sempre no mês de maio. "Alugamos um ônibus e trazemos as mães dos meninos para virem conhecer o local. Aqui elas se hospedam, dormem, fazem as refeições e vêem como os filhos estão progredindo", explica Adriano. Só de janeiro a junho deste ano, o Capim de Cheiro distribuiu 3.680 refeições entre moradores e jovens visitantes. Para suprir as dificuldades, os donativos também são bem-vindos.

SERVIÇO

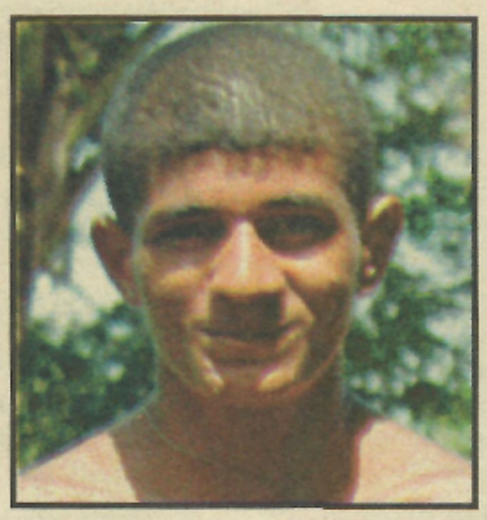
Como chegar

Seguindo pela BR-101 Norte, em direção ao estado da Paraíba, pegar a rodovia PB-044, que leva para Pitimbu, e na altura do posto fiscal da Polícia Rodoviária, entrar à esquerda na comunidade de Capim de Cheiro de Cima. Percorre-se uma estrada de terra, de aproximadamente dois quilômetros até chegar ao Centro Educacional Vida Nova.

Telefones para contato: (081) 3231-4388 e (083) 286-2456/9306-1592

"Vivia pela Conde da Boa Vista. Vim pra cá com 13 anos. Antes, morava com meu pai, em Casa Amarela. Apanhava muito em casa. Meu pai bebia, fugi com cinco anos e fui viver na rua. Usava droga. Quando vim pra cá, foi muito bom. Atividades, desenhos, jogos, começei a estudar. A gente aprende a plantar e não é obrigado a trabalhar, cada um tem uma atividade e faz porque quer. Os maiores estudam à noite e de dia a gente participa das oficinas, colhe inhame."

Marcos Antonio José da Silva, 15 anos, há dois anos no sítio
Origem: Casa Amarela



"Aqui é bom de viver. Quando me chamaram para vir pra cá pela primeira vez eu tava em Boa Viagem. Agora, tô indo na minha casa de 15 em 15 dias. Sinto saudades deles, mas não dá vontade de fazer as coisas de antes. Me viciei aos 12 anos em cola e maconha. Quando tinha 14 anos, estudava no Pro-criança e fazia parte de um grupo de maracatu. Eu e um amigo mais novo. Saímos do grupo pra viver na rua. Meu amigo foi morto porque tava roubando demais."

Anderson José de Antão, 16 anos, há quatro meses no sítio
Origem: Coelhos

"Cheirava cola, loló e fumava maconha pela rua, nos Coelhos, no Derby, Boa Vista. Conheci o sítio quando tinha 12 anos e achei bom, mas quando ia para casa, depois de passar dois dias aqui, eu voltava de novo para as ruas. Fiquei no abrigo do grupo Desafio Jovem, em Beberibe e Afogados. Nas ruas, a gente só aprende o que não leva a nada. Só à morte. Os caras morrem porque roubam, não sabem curtir a vida. Aqui aprendi a plantar e colher."

Caio César Santos da Silva, 16 anos, há três meses no sítio
Origem: Camaragibe

"Meu pai e minha mãe moram numa casa na favela e eu morava com meus irmãos em outra casa. Ficava nas ruas pedindo, porque meus pais bebiam e não cuidavam da gente. Andava muito sozinha. Usei droga na frente de meu pai e do meu irmão. Meus pais diziam que era melhor fumar dentro de casa do que na rua. Eles nunca vieram aqui, perderam minha guarda. Quando saio visito minha avó. Aqui, gosto da cozinha, de cuidar da horta, ler e escrever. Nas horas vagas, escuto música."

Cleonice Gonçalves de Oliveira, 15 anos, há cinco meses no sítio
Origem: Favela do Rato

"Me perdi da minha família e fiquei na rua. Comecei a fumar e cheirar cola desde pequeno. Vivia em Olinda e não quero mais voltar para a rua. Estudo pela manhã e à tarde vou trabalhar arrancando inhame. É o que eu gosto mais de fazer aqui. Não sei onde estão meus pais. Agora a minha casa é esta. Não quero ir parar no mesmo lugar de muitos, que morreram porque se drogavam demais.Quero ficar aqui e estudar"

Emerson Ferreira dos Santos, 15 anos, há dois anos no sítio
Origem: Palmeira dos Índios (AL)

Jovens cidadãos

DETERMINAÇÃO PARA GARANTIR DIGNIDADE

Fotos: Heitor Cunha

Fórum *formado por jovens da periferia do Recife se reúne há um ano*

A determinação de Pamela, 12 anos, Kebelly, 13, Lucélia, 15, Ernestina, 17, e Flávio, 19, é contagiante. O grupo se reúne semanalmente há um ano, por iniciativa própria, com outras crianças e adolescentes – que como eles são moradores de favelas e áreas periféricas do Recife – para discutir os problemas que afligem suas comunidades. Entre eles, a violência que rouba ou degrada, bem próximo deles, a vida de jovens amigos e de vizinhos. O objetivo: "Sermos os protagonistas de nossa própria história", gritam em coro, em bom e claro português.

As reuniões acontecem todas às terças-feiras pela manhã, na sede do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente do Recife (Comdica), sob a coordenação de Helena Jansen, militante do Movimento Nacional Meninos e Meninas de Rua. Os jovens debatedores representam organizações não-governamentais e associações comunitárias das seis Regiões Político Administrativas do Recife (RPAs). Foram escolhidos em votações feitas por outras crianças e adolescentes atendidas por estas entidades, após participarem, em agosto do ano passado, da Conferência Lúdica que antecedeu a IV Conferência Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente. "Eles próprios resolveram constituir este fórum", conta, sorridente, Helena Jansen, completando que as reuniões têm sido frutíferas.

IGUALDADE - A alegria dela é compreendida quando se conversa com o grupo, que tem muito claro na cabeça e registrado em relatórios quais são suas principais reivindicações ao governo, às ONGs e à sociedade para minimizar a violência na periferia da cidade. "O que a gente busca é igualdade e não desigualdade social", dispara a adolescente Ernestina Freita Lins, 17, estudante do 1o ano do ensino médio e moradora do bairro da Guabiraba, na Zona Norte do Recife.

"Permitindo nosso acesso a uma faculdade e disponibilizando emprego para não virarmos peões dos outros poderemos mudar essa realidade", sugere, ao dizer que a violência que vitimiza as crianças e adolescentes acontece pelo avanço do tráfico de drogas e a falta de orientação dos pais, de incentivo para prosseguir nos estudos, de acesso ao mercado de trabalho e de lazer. "A gente mora numa cidade tão visitada, tão cheia de história e não tem oportunidade de conhecê-la", lamenta.

Todos os temas discutidos pelo grupo e as propostas levantadas a cada reunião são repassadas aos conselheiros do Comdica, que tem como papel principal a elaboração de propostas de políticas públicas municipais voltadas para as crianças e os adolescentes. "Quem teve oportunidade, deve também dar oportunidade para a gente. Senão como é que vamos mostrar o nosso valor", argumenta a pequena Pamela Natatcha Arcelino de Lima, 12 anos, estudante da 7a série do ensino fundamental e moradora do bairro Campina do Barreto, Zona Norte. Para ela, esse é o caminho para ajudar os jovens a se livrarem das drogas, de perambularem pelas ruas e de serem mortos tão cedo, como já viu acontecer muitas vezes em seu pouco tempo de vida.

TRÁFICO - O jovem Flávio Henrique Santana, 19 anos, que mora na favela Roda de Fogo, no bairro de Torrões e parou de estudar no 1o ano do ensino médio para trabalhar, concorda com a colega Pamela e diz que também já viu muitos jovens serem assassinados onde mora. "No meu bairro a maioria morre porque se envolve com drogas. Faz 15 dias, dois amigos meus, de 15 e 18 anos, desapareceram e até agora ninguém sabe o paradeiro. Provavelmente foram mortos", diz, completando que outro problema grave é a prostituição e o trabalho infantil.

O grupo se prepara agora para levar suas reivindicações às ruas, exatamente quando completa um ano de reuniões ininterruptas. "Ainda estamos estudando como tudo será feito, mas queremos fazer barulho", avisa Helena Jansen. Se depender da força de vontade dos meninos e meninas do grupo, a idéia tem tudo para dar certo. "O governo tem que começar a se preocupar com as crianças e os adolescentes que moram nas comunidades e não apenas com os que estão nas ruas. Se não fizerem isso, vão ter que se deparar a cada dia com mais jovens nas ruas procurando encontrar o espaço que não acharam em casa, na escola nem tão pouco na comunidade", concluiu Angélica Kelly, 17, estudante da 8a série do ensino fundamental e moradora do bairro de Sítio Grande, também na zona norte do Recife. O Comdica planeja ainda que eles comecem a discutir o Estatuto da Criança e do Adolescente com jovens de escolas particulares do Recife. "Esse é um projeto que estamos tentando fechar e que abrirá novos espaços para discussão da Lei, que muitos pensam ser feitas apenas para pobres", avisa a presidente do Comdica, Ana Farias.

"Os jovens são vítimas da falta de interesse dos pais, que os deixam nas ruas. Na minha comunidade tem muita gente no mundo das drogas e da violência. Quem teve oportunidade deve dar chance para mostrarmos nosso valor"

Pamela Natacha Arcelino de lima, 12 anos, estudante da 7ª série e residente no bairro Campina do Barreto

"Muitas vezes, os jovens ficam sós dentro de casa. Depois vão procurar o espaço que não tiveram na rua. Bebem, usam drogas. Se tivesse com o que se ocupar. O governo não se preocupa com os meninos que vivem na comunidade"

Ernestina Freitas Lins, 17 anos, estudante do 1º ano do ensino médio e moradora da Guabiraba

"Os jovens morrem pela falta de oportunidade, porque não têm estudos. Só sobra a escola para fazer o papelda família e educar. Se a gente está aqui é porque se esforçou. Aquela comunidade é de risco e se o governo tivesse lá dentro iria ver o que acontece.

Lucélia do Norte Araújo, 15 anos, estudante da 6ª série e moradora do bairro dos Coelhos

"No meu bairro, a maioria morre porque se envolve com drogas. Faz 15 dias que não tenho notícias de dois amigos, de 16 e 18 anos. Eles desapareceram e até agora nada. Tem também a prostituição. Meninas de 11 anos se prostituindo levados pelo pai e mãe para isso."

Flávio Henrique Santana, 19 anos, parou de estudar no 1º ano do ensino médio, é morador dos Torrões

"Falta carinho, afeto, conversa. Há quem ache que com 14 anos tem que trabalhar. Tenho cinco irmãs e confesso que já me senti desprezada. Há muito roubo, crianças são usadas como aviãozinhos e se perdendo."

Kebelly Marília da Silva, 13 anos, estudante da 7ª série do ensino fundamental e residente no Pina

Hipóteses para o fenômeno

Os estudos longitudinais – que acompanham o comportamento de determinados grupos desde a infância até a fase adulta – seriam a saída para explicar cientificamente as causas porque os jovens são as principais vítimas dos homicídios no País. A sugestão é do sociólogo Sérgio Adorno, coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP). "Descobrir isso é um desafio não só para o Poder Público mas também dos pesquisadores", enfatiza. Segundo ele, há muitos estudos deste tipo nos Estados Unidos e na Europa, mas eles não existem no Brasil, são caros e envolvem instituições que consolidaram seus trabalhos ao longo de décadas. Contudo, Adorno lembra que os pesquisadores que estudam a violência hoje no Brasil levantam tendências que dão margens à formulação de algumas hipóteses para explicar o fenômeno.

Renata Freitas/Especial para o DIÁRIO

Sérgio Adorno *sugere estudos longitudinais*

1 *Onda Jovem após um* boom *de nascimentos*

Uma delas seria o chamada "onda jovem", iniciada na década de 90, que revela ter havido a partir deste período um *boom* de nascimentos no Brasil, resultando 15 anos depois numa sociedade com grande número de adolescentes. "Isso pode ser visto nos estudos demográficos mais recentes, que revelam uma curva de maior representação de pessoas na faixa etária entre 12 e 18 anos". O que mostra, de acordo com o sociólogo Sérgio Adorno, que em determinado momento, os jovens vão estar na ponta de lança em vários aspectos sociais. "O que significa que estarão se profissionalizando e procurando vaga no mercado de trabalho mais cedo e iniciando experiências sexuais também mais cedo, redundando em casamentos precoces e em adolescentes com filhos", exemplifica, ao lembrar que desta forma os jovens também vão se sobressair no mundo da violência e do crime, seja como vítimas ou como autores. Segundo ele, esta onda deve decrescer nos próximos anos, mas que até lá muitos jovens deverão ainda ser vítimas da violência. "As respostas para evitar que mais vidas sejam ceifadas têm que ser pensadas agora", pondera.

2 *Aumento do número de famílias* quebradas

Outra hipótese trabalhada pelos estudiosos, segundo Sérgio Adorno, tem relação com as mudanças sociais recentes. "Um grande volume de mulheres entrou no mercado de trabalho e houve uma necessidade de reordenação as relações familiares. Isso significa a criação de um fosso entre gerações, principalmente entre pais e filhos, em um curto espaço de tempo", analisa. Com isso, prossegue o sociólogo, os modelos parentais, de socialização primária e secundária, foram abalados. "Assim, os padrões de conduta passam a ser companheiros de escolas, da rua, aquilo que se vê na televisão, provocando uma perturbação nos modelos de autoridade e de comportamento", completa. De acordo com Adorno, um estudo feito em São Paulo revelou que os pais estão deixando de ser referenciais para os meninos, enquanto as mães continuam sendo modelos para as meninas. "E isso acontece porque, muitas vezes, o pai não é modelo de protetor, de autoridade em casa, é ausente. "Não estou querendo justificar o problema em função dessa nova organização familiar, pois há muitas famílias sem a figura do pai que são muito bem constituídas. Só lembrar que um quarto das famílias do País são as chamadas famílias quebradas".

3 *Bloqueio dos processos de ascensão social*

O sociólogo afirma que outra hipótese leva em consideração a falta de oportunidades de inserção social para os jovens, sobretudo os das classes populares. Adorno lembra que as pesquisas de mobilidade social feitas entre as décadas de 60 e 80 mostraram que muitos pais que não tiveram educação fundamental fizeram os filhos estudarem o segundo grau e depois a universidade. "Em geral, os filhos mudaram de vida, puderam ter uma inserção profissional melhor, adquirir uma casa própria. Enfim, houve um processo de inserção social". Observando os estudos realizados ao longo dos anos 90, segundo ele, percebe-se que está havendo um grande bloqueio nos mecanismos de ascensão social, com uma demanda de educação satisfeita, mas pouca incorporação das pessoas ao mercado. "Isso gera uma situação coletiva de muita ansiedade e inquietação e não existem outras alternativas. Temos a arte e a cultura, mas elas não estão abertas a todos". Adorno ressalta que isso gera uma situação explosiva. "Temos processos de bloqueio dos mecanismos de inserção social. Por outro lado se vê a abertura de espaços dramáticos, entre eles o tráfico de drogas, que têm conquistado, sobretudo, os jovens das classes carentes, ou seja, os mais desprotegidos do ponto de vista instituições".

4 *Competitividade leva jovens da periferia a se digladiarem*

Outro ponto a que os estudiosos se apegam para explicar a violência maior entre os jovens está cultura da competitividade. De acordo com Adorno, isso é mais visível nas capitais brasileiras, onde é comum a formação de gangues de jovens que brigam pelo poder de determinados lugares, levando-os a se degladiarem e a inflacionarem o número de mortes. "Isso é muito comum nas periferias de Fortaleza, Rio de Janeiro e em São Paulo, mas ainda são poucos os estudos (no Rio se conhece um pouco mais por conta das pesquisas da professora Alba Zaluar) que dissecam esta realidade", acrescenta.
Para Adorno, a iniciativa de realizar estudos longitudinais deveria partir dos governos e fazer parte das políticas estatais. "Uma linha a ser seguida independente do governo que lidere o País", reforça. Ele diz que só fazendo um estudo aprofundado do problema é que se pode traçar planos para atacá-lo.
"Enquanto isso as políticas de combate à violência existentes generalizam as ações, não levando em consideração as características de cada lugar. O que acontece com os jovens do Recife não é o mesmo que ocorre com os que vivem em São Paulo ou no Rio de Janeiro".